

Sinopse

Não consigo localizar com precisão no tempo quando nasceu “A Irmandade dos Traseiros Homicidas”. Lembro-me de que ainda estudava, acho que no 12º ano, quando comecei isto. Tudo em muitas folhas dispersas, pautadas, quadriculadas, A-4 e A-5, furiosamente escritas pelo meu punho.

Algures, penso que em 1989 ou 1990, organizei uma sequência de manuscritos e agreguei tudo numa espécie de história alternativa e louca, à medida que ia passando tudo pela minha saudosa máquina de escrever.

A ideia inicial era acabar com uma história completa. Mas, ou o tempo não era muito, ou a imaginação estava de férias, pelo que acabou por ser um trabalho incompleto.

Em 1998, já com acesso a um computador, passei quase tudo, uma vez mais, para um documento do Word. Ficaram umas 3 ou 4 páginas de fora. Talvez por me ter desinteressado...

Comparando ambas as versões, entre uma e outra, as alterações foram mínimas.

A versão que se segue, é o que poderia chamar de versão expandida. Contém várias páginas que foram batidas à máquina, mas que não cheguei a incluir na versão do Word, além de um excerto (dos muitos que tenho e seriam incluídos) que anexo à história por ser o mais extenso. E também por lhe achar alguma piada.

A Irmandade dos Traseiros

Prólogo

No princípio era o Nada Absoluto. Não existia tempo nem dimensão. Apenas trevas vazias.

Tudo aquilo que hoje conhecemos era parte de um Todo que estava resumido numa esfera com o volume de um testículo de rã e a massa de um testículo de elefante. Era o Testículo Cósmico! E pouco mais...

Nessa pequena esfera, 13 seres se movimentam aos encontrões. É o Caos e a claustrofobia total! Ignoram quem são e desconhecem a real identidade dos restantes, com a excepção daquele que todos sabem ser o mais baixote de todos. Aliás, o único de estatura inferior. Deus! Mais conhecido por “Meia-Leca”.

_Ei! Vejam lá por onde andam. Há alguém que me está a pisar os pés.

_Quem perdeu o controle dos intestinos? Que pivete!

Calate! Ninguém falou contigo! Rosna um deles.

_A quem mandas tu calar? Olha que te vomito em cima!

Hã? Então foste tu que vomitaste em cima de mim há uns tempos! Onde estás? Fala! Diz qualquer coisa, para que eu possa seguir a tua voz e encontrarte. Então? Diz outro, metendo-se na confusão.

Mas o culpado opta por um sábio silêncio, que lhe custaria uns quantos dentes se abrisse a boca.

_Cobarde!

_Isto assim não dá! Andamos aqui embrulhados uns nos outros, ainda por cima, às escuras! E o idiota do Meia-Leca ainda não encontrou o interruptor da luz. Meia-Leca? Onde estás, ó patife?

Estou aqui. Responde uma voz tímida, vinda de baixo.

_E é assim que se responde, ó anormal?

Estou aqui, ó Venerável. Corrige a voz.

_E “estou aqui, etc.”, onde?

_Humm... Aqui! Não sei bem onde. Onde estou eu?

Todos se riem da incapacidade intelectual de Deus. Quando os maxilares começam a ficar doridos pelo riso, um deles pergunta:

_Ouve lá, ó osga, já encontraste o interruptor?

_Não, ó Majestade. Mas encontrei uma coisa comprida e fina.

Faz-se um silêncio absoluto, ocasionalmente quebrado por alguns que aclaram a garganta, tossindo levemente.

_E tem um cordel com dois corninhos na ponta, Chefes.

_Imbecil! Isso é aquela “coisa” que encontramos há eternidades atrás.

_Mas também encontrei dois buraquinhos na parede, Patrões.

_Olha que grande coisa!

Espera! Espera! Diz outro, excitado.

_E se os “corninhos” da coisa encaixassem nesses buracos?

_Genial! Meia-Leca?

_Sim, ó Sagrado?

_Ainda sabes onde estão esses buracos?

_Sei, Honorável Senhor. Tenho uma coisa presa num deles.

Mais uns sons de tosse abafada, enquanto o desconforto se parece instalar.

_Ei! Não é o que estão a pensar, humm... ó Altíssimos. Parece-me que são as unhas... Acho eu.

_Bem! Bem! Então enfia lá os “cornos” e não nos faças perder muito tempo.

Enquanto aguardam por notícias, começam a ouvir-se batidas cavas na parede.

_Mas então, que barulho é este? Não me digam que aquele mendigo está às cabeçadas à parede.

_Não cabe! Não cabe, ó Onipotentes.

_Minha nossa! Haja pachorra para o aturar.

_Os “cornos do cordel da coisa”, sabes... É isso que lá deves enfiar, ó minhoca empalhada.

Ahhh... Isso! Está bem, Meu Rei. Deus executa e, pela primeira vez, surge a luz.

FAÇA-SE LUZ! Ecoa uma voz desconhecida.

Quem falou? Quem disse aquilo? Pergunta um, assustado.

E tudo explode logo de seguida.

Idiota! Camelo! Já viste o que fizeste? A culpa é tua! A culpa é tua! Ei, olhem! A “coisa” é uma gambiarra! Grita alguém no calor da explosão.

_Perdão! Perdão, ó Grandiosossssss...

A violenta explosão da esfera levou à criação de 13 universos distintos, onde cada um dos seres foi lançado, começando de imediato a moldar conforme a sua vontade. Deus, preterido pelo destino, ficou com o universo 13.

O que se segue é a primeira tentativa de Deus em criar um mundo habitado para matar o marasmo da solidão. É um mundo anterior ao nosso. Um mundo anterior à memória, que foi por fim destruído pelo seu criador, para que a experiência pudesse ser repetida sem os azares da anterior.

Vamos ver como era aquele mundo.

I

162 A. C.

Numa planície próxima da cidade de Babilónia, um pregador fala para uma multidão entusiasmada de cinco pessoas, que se acotovela para se sentar no único banco disponível, que entretanto está ocupado por um velho leproso de aspecto repelente.

...Por isso Deus é grande! Diz o pregador.

Um homem acorda de súbito, levanta-se e ergue o braço, perguntando:

_Desculpe. Desculpe. Quão grande?

A questão retira o pregador do torpor sonolento em que este se encontrava, sobressaltando-o.

_Como, meu filho?

_Disse que Deus é grande. Quão grande é ele?

_Hummm... Sei lá... Deve Ter uns treze, quatorze metros de altura.

De repente, os céus cobrem-se de nuvens tempestuosas e ouve-se uma voz grave, carregada de fúria.

_O QUÊ???

O pregador, tremendo de pavor e com uma palidez próxima da transparência, corre em pequenos círculos cobrindo a cabeça com as mãos.

_Perdoa-me. Perdoa-me. Tens cem metros de altura.

_Como te atreves? Vou fulminar-te!

_Mil!

_Estás feito!

_Dez quilómetros! Vinte! Trezentos! O que Tu quiseres!

_Não me escapas! Vou cozer-te as orelhas à língua, transformo-te num quisto sebáceo, numa lombriga, numa verruga cabeluda,...

_Não! Não! Piedade...

_..., numa prostituta,...

_... Nãoooo... Sim! Sim! Sim!!!

Eu te julgo e considero culpado. Dito isto, cai do céu um raio que, atingindo o pregador, o transforma num bacio, para grande alegria da multidão, que corre a aliviar-se, lutando para ocupar o bacio, onde entretanto estava sentado um velho leproso de aspecto repelente.

Desiludidas, as pessoas preparam-se para regressar a Babilónia. Partem para Norte quando ela fica para Sul. Passadas duas semanas, descobrem que seguiram o caminho errado e dirigem-se rumo a Oeste. Horas depois, encontram-se numa praia e soltam-se em lamentos.

_Atlântida afundou-se! Atlântida afundou-se!

Passa um pescador que, reconhecendo-os, distribui murros na cabeça dos mais chorosos.

_Idiotas! Vocês são da Babilónia, não da Atlântida.

Eles olham-no surpreendidos e regressam às suas lamentações.

_Babilónia afundou-se! Babilónia afundou-se! A minha família está com os caranguejos.

_E agora? Como vou distinguir a minha sogra de um tubarão? E a minha mulher de uma lapa?

Um, menos comovido que os restantes, grita:

_Só nos resta uma coisa.

O quê? Perguntam os chorosos em coro.

_Vamos morar para a Atlântida!

_Boa ideia. Boa ideia.

Puseram-se alegremente a caminho e, vinte dias depois, avistam as muralhas de Babilónia.

É Babilónia! É Babilónia! Surgiu do mar! Dizia um, chorando de alegria.

Os outros olham-no com ar casmurro e gritam-lhe:

Cala-te! Queres que as nossas mulheres nos ouçam? Começam de imediato a apedrejar o pobre coitado, que se torce como uma enguia com um ataque de acne. Os céus escurecem de novo e ouve-se a conhecida voz.

_Parem! Que fazem vocês, bando de imbecis?

Amedrontados, finalmente respondem.

_Ele ficou contente por ver Babilónia.

_E isso é motivo para o matar à pedrada?

_É que as nossas mulheres e famílias estão lá.

_Hum, hum!

_Hum?

_Pois é!

_O quê?

_É isso!

_Hã???

_Passem para cá um calhau. Quero ajudar a acabar com alegria desse tolo.

O infeliz é impiedosamente apedrejado durante dois dias, até que compreende que o seu lugar não é ali. Foge com um dente partido na direcção de Babilónia, mas antes do crepúsculo está de volta, tendo uma mulher suja e desgrenhada ferozmente agarrada a uma das pernas.

_Tinham razão! Foi má ideia. Vamos embora daqui!

Rumam em direcção a Este, mas o caminho está barrado por um velho leproso de aspecto repelente. Decidem-se pelo Nordeste e, tempos depois, ignorando como, encontram-se numa das inúmeras crateras lunares. A ausência de ar incomoda alguns, pelo que optam pelo regresso à Terra. À chegada, voltam a encontrar um velho leproso de aspecto repelente e, numa acção de protesto, barram várias oliveiras com manteiga. O velho não concorda com eles e ajuda-os a barrar mais algumas. Fartos, eles amaldiçoam o velho, ao que este responde atirando-lhes pedaços do próprio braço. A um, atira-lhe com um ouvido à cara e este, ao descobrir-se com três ouvidos, julga-se um monstro e, enlouquecido, come os seus sete pares de olhos. Os outros, traumatizados pela aparição de uma octogenária em pelo, fundam a Irmandade dos Traseiros Homicidas e constroem um convento para que possam morrer na clausura. A fome obriga-os a sair e comem todos os pedregulhos que encontram. Estes revelam-se indigestos e começam a pensar seriamente em regressar ao convento, onde a despensa está repleta com os melhores petiscos. Encontram a porta fechada e, numa das torres, o Irmão Jacques demonstra a sua tristeza devorando um leitão, enquanto ostenta um colar de coxas de frango no pescoço. Desesperados, alguns perecem afogados na própria saliva. O Irmão Salut, cansado de tanto

sofrimento e com a boca seca, joga-se na saliva da Irmã Beatriz, gritando em agonia mortal:

_Cheira mal! Fede! Meu Deus, que hálito não teria ela. Adeus, mundo. Adeus. Não! Terei ouvido falar em poker? Esperem por mim. Quero jogar! Esperem.

Irmão Jacques, num acto de solidariedade, atira-se do alto da torre, mas cai no fosso e tem de nadar até ao fundo para recuperar os óculos. Sobee de novo para o topo da torre e volta a atirar-se, conseguindo atingir com o queixo o único rochedo proeminente do fosso. Choroso e com o maxilar ligeiramente dorido, nada até à margem e, ao subir para terra seca, escorrega e fractura a coluna em 200 sítios, ambas as pernas e um dos olhos salta como uma bola de ping-pong, rolando até ao campo de golfe, onde cai no buraco oito. Morre feliz nos braços de um velho leproso de aspecto repelente.

Os sobreviventes juntam-se e fundam uma empresa de fabrico de caramelos de banha de porco, mas quando são informados de que não existem caramelos de banha de porco, entram em desespero e são obrigados a trabalhar numa fábrica de caramelos de toucinho. Passado algum tempo, vários Irmãos convencem-se de que não existem e desintegram-se. Os restantes são transferidos para um laboratório, tendo-se tornado peritos na arte da camuflagem, em que a principal função consiste em correr nus pelo deserto, carregando um enorme alvo nas costas e a sobreviver alimentando-se exclusivamente de unhas e baba de camelo.

Deus, preocupado com o destino do seu rebanho, envia um anjo para os guiar, mas este é devorado de imediato ao ser confundido com um abutre. O anjo é magro e a desigualdade na divisão leva a que alguns se envolvam em cenas de pancadaria. Para os acalmar, Deus envia um outro anjo, diferente do anterior. Este, por sua vez, tem a infelicidade de ser tomado por uma rã e devoram-lhe as pernas.

Deus, claramente irritado, desce até eles, mas quando alguns se aproximam com um ar alucinado, gritando: " _Uma vaca! Uma vaca gorda!"_, Ele tira os óculos, ao que todos se ajoelham. Deus, confuso, ajoelha-se também.

_Porque estamos ajoelhados?

_Oh! Não sabes? Vimos Deus!

_Deus? Onde? Onde? _ Pergunta Deus, olhando em volta.

_Ali! _ Diz um, apontando para Ele.

_No princípio parecia uma salsicha...

_Uma vaca! Parecia uma vaca! _ Gritam-lhe em coro.

_A mim parecia-me uma salsicha.

_Era uma vaca! Quero dizer, parecia uma vaca. Mas quando Ele tirou os óculos, nós vimos que era Deus.

_Espera aí! Fui Eu quem tirou os óculos.

_Oh! Então Deus és Tu!

_Sou? Sou mesmo? Juras?

_Sim, Ó Altíssimo. Mas pensava que fosses mais alto.

_Sou Deus! Sou Deus!

É Ele! É Ele! Grita um, agitando os braços num ataque de epilepsia.

Calem-se! Calem-se! Pouco barulho! Grita Deus pondo-se de pé. Mas como tem apenas meio metro de altura, eles têm alguma dificuldade em encontrar a origem da voz.

_Ora vamos lá. O que se passa convosco, hein? Andam por aí às voltas como cães sarnentos e Eu, preocupado, mando-vos dois anjos. E que fazem vocês? Dão o gosto ao dente! Comem-me dois anjos dos bons e nem se incomodam com isso. Sabem o que vocês são? Uns canibais! Uns patifes! Seres objectos que devoram os anjos dos outros.

Silenciosos e verdadeiramente arrependidos, eles olham-No pedindo misericórdia. Um deles levanta-se e dirige-se a Deus, mas como está sonâmbulo e a ressonar, Deus berra-lhe aos ouvidos:

Sua besta. Como te atreves a vir perante mim nesse estado? Ainda por cima, ressona! Parece uma cabra a dar à luz um cavalo. Acorda, ó cara de toupeira. E abana-o fortemente.

Hummm... Já vai querida. Já vai... Até que acorda por completo e descobre que tem um nanico agarrado a si. Salta de imediato, repelindo o agressor.

Mas quem és tu? E, após uns momentos de hesitação._ Aliás, o *que* és tu?_ Pergunta ele, divertido.

_Hã? Como te atreves? Como ousas falar-me desse modo?

É Deus. Sussurra-lhe um ao ouvido.

_Deus? O que é isso? Acho que nunca comi disso.

Deus, literalmente em ebulição, começa a agredir o ignorante a soco.

_Então não me conheces? A mim, Deus em pessoa. Sou Deus, ó minha amostra de lobotomia. The Man, The Boss, God Himself, O Chefão disto tudo...

Ahhh... Esse Deus! É pá, desculpa lá. Não Te reconheci. Quem diria a que este baixinho era o tipo mais rico das redondezas? Diz ele, dando pancadinhas amistosas nas costas de Deus.

Pá? Baixinho??? Mas eu não sou baixinho. Diz Deus para os seus botões._ Mas é melhor esquecer isto tudo, senão não saímos daqui tão depressa.

_ Ora então vamos lá.

_ Deus, pedimos perdão pelos nossos actos vis. Diz um homem nu, vindo não se sabe de onde.

_ Só isso? Depois disto tudo, estava à espera que me fossem pedir dinheiro emprestado. Mas,...OK! Estão perdoados. Levantem-se e vão lá à vossa vidinha, que eu tenho mais do que fazer.

_ Então??? E não há castigos, ameaças de Inferno, flagelação...

_ O quê? Onde foram vocês buscar essas ideias malucas?

_ Mas nós pensávamos...

_ Da maneira que vocês pensam, a ideia até que nem é má de todo.

_ Não. Não. Misericórdia...

_ Está bem! Está bem! Mas deixo aqui alguém para vos vigiar. E, erguendo o braço, Deus faz descer dos céus uma nuvem, que se condensa até que dela surge um velho leproso de aspecto repelente. Feito isto, Deus desaparece num clarão.

Os pecadores entreolham-se, murmurando:

_ Então, como é que é? Comemos também este?

O velho, ouvindo isto, agarra na primeira coisa que lhe vem à mão para se defender. Infelizmente, é um punhal que ele agarra e, atrapalhado com a arma, acaba por cravá-la no próprio pescoço.

Eles ocorrem de imediato e devoram a carcaça leprosa antes que ela arrefeça. Do céu, surge uma voz irritada.

_ Canalhas! Sabia que não podia confiar em vocês. Ah! Mas vocês vão ver como elas vos doem! Vão ver quando vos apanhar a sós. Chupo-vos o sangue!

Amargurados e temendo pelas suas almas, foram para o rio nadar na esperança de afogar as mágoas. Como a água tinha apenas alguns centímetros de altura, os saltos de prancha revelaram-se bastante dolorosos. Quando finalmente compreendem que a outra margem é mais propícia à prática da natação, ainda alguns jazem inanimados entre os seixos do rio, enquanto outros tentam dialogar com os mexilhões. Por fim, reúnem-se e decidem ir para a outra margem, mas, como estão demasiado aturdidos e contundidos, desistem do plano que visava a construção de uma ponte e pagam a um barqueiro barbudo e mal-encarado de nome Caronte para os transportar até à outra margem. Uns quantos, mais espertos, resolvem contornar o rio pela nascente e partem, acompanhando o curso do rio até à foz. Chegando ao mar, compreendem o erro cometido e confessam-se arrependidos a diversas focas. Mas como estas os ignoram por completo, abraçam-se a um velho leproso de aspecto repelente, partilhando com ele vários sacos de pipocas. Por fim, sobem o rio e, depois de

pagarem uma ninharia ao barqueiro pela travessia do rio, chegam ao outro lado encharcados, pois o barco voltou-se várias vezes devido aos tremores de um deles, que tinha pavor a líquidos, desmaiando cada vez que urinava, inclusive. Juntaram-se aos outros e verificaram que estes já se tinham fartado da água e estavam a tomar banho.

II

Ano 1823 D.C.

Nascido em 1792, Keniibir Teh Foddic, mais conhecido por Ken'T'Fod, na modesta aldeia de Rabus, onde, em tempos remotos, tinha sido construído o Convento D'A Irmandade dos Traseiros Homicidas, do qual Keniibir era o guardião. Excelente contador de histórias, a maior parte das quais era retirada dos arquivos do Convento, este personagem estranho escondia um passado deveras tenebroso, o qual era desconhecido pela população da aldeia. O facto de todos os habitantes da aldeia terem sido vítimas de um surto de uma febre viral fulminante em 1816, do qual apenas escaparam Keniibir e sete ovelhas, levou a que os novos habitantes, importados do Polo Sul, acreditassem com facilidade que Keniibir era filho de Deus em pessoa, motivo pelo qual havia sido poupado.

A título ilustrativo, serão reveladas algumas das histórias da juventude de Keniibir Teh Fodic, que reforçarão grandemente a credibilidade deste personagem e das histórias por ele contadas durante os serões nos Paços da aldeia.

Em 1813, com apenas 21 anos de idade, Keniibir foi acusado de tentar violar o cofre do banco lá da aldeia, em que, depois de despir o dito cofre, não conseguiu levar adiante o seu nefando intento por não haver encontrado a vagina. Foi preso no momento em que fazia sexo com uma enxada, escondido no centro do campo de futebol do Centro Recreativo de Rabus. Caminhando de pernas afastadas e arrastando a enxada, que teimava em ver o acto terminado, foi levado para a esquadra local, onde foi submetido a electrochoques e saunas contínuas com a alegre companhia de três musas, oriundas da mais feroz tribo de canibais da selva amazónica. Confessou o delito praticado e temeu pela sua vida quando o Chefe da esquadra, vestido com uma toga de aspecto indígena e vários colares de contas coloridas, se dirigiu na sua direcção, apontando-lhe um enorme facalhão, enquanto gritava qualquer coisa semelhante a um arrote. Todos se riram desalmadamente do pavor por ele sentido e pouco depois saíram com o Chefe, deixando-o amarrado a uma secretária que estava detida por suspeita de tráfico de osgas e supositórios de mentol. Minutos depois, os seus

captores estavam de volta, trajados com cores garridas, de faca em punho e a arrotar. O seu pobre coração não suportou tamanha crueldade e o corpo expulsou todas as matérias nauseabundas nele contidas. Depois de pagar uma elevada multa, foi-lhe permitida a liberdade.

Todavia, este incidente gerou nele um imenso ódio pelas forças de segurança, pelo que pouco depois ele era o chefe de uma instituição de carácter bastante duvidoso, a Mafiosus Corruptus.

Em 1815, Keniabir foi capturado no decorrer de uma operação rotineira, em que a polícia procurava a própria esquadra. Os guardas partiam do princípio que quem lhes soubesse indicar onde ficava a esquadra, era pelo facto de já lá ter estado, portanto, um malfeitor. Ou um colega de profissão.

No Processo que se seguiu, Keniabir foi acusado de ser o procurado Dom Keniabiron, o cabecilha da Mafiosus Corruptus. O testemunho de um carregador de alfaces, que havia presenciado uma operação em que Dom Keniabiron inserira o pénis de um babuíno no cérebro de um espião para o silenciar, foi considerado nulo quando se descobriu que a testemunha, além de embriagada, estava morta há trinta longos anos. A Juíza do Processo decidiu que, apesar de partilharem o mesmo Número de Contribuinte, de Eleitor e de B.I., além de serem idênticos em estatura e rosto, Keniabir e Dom Keniabiron não eram a mesma pessoa. Jurando vingança pelos atrasos que o Processo havia provocado no seu negócio, Keniabir saiu do Tribunal.

Dois meses depois, surge o tal surto de febre viral que dizima toda a população de Rabus, com excepção de Keniabir e de sete ovelhas, que se pensava serem as suas amantes.

E assim permaneceu oculto o passado de Keniabir, que, aos 31 anos de idade se reunia com os seus fiéis, contando as histórias da criação do mundo, do Homem e da Irmandade.

Mestre, conte de novo as histórias da criação do Homem. Conte! Conte! Implora um pedinte pago por Keniabir para isso mesmo.

_Bem, o primeiro homem e a primeira mulher a surgir neste mundo foram, sem dúvida alguma, Adão e Eva. Adão foi feito por Deus à Sua imagem (pois Ele estava em frente ao espelho), com miolo do pão que havia restado do dia anterior. Eva, por seu lado, foi feita a partir das unhas de Adão, que foi obrigado a cortá-las para o efeito, e, uma vez que as suas unhas não tinham pernas nem o dom da fala, Deus, o Boss, moldou-a à semelhança de Adão, com excepção de uns pormenores anatómicos, porque Eva possuía um físico mais avantajado que Adão, apesar de ser careca como uma bola de bilhar. Minutos depois, já Adão

estava ajoelhado, pedindo a Deus que retirasse o dom da voz a Eva, argumentando que ela assustava as aves e matava as plantas com a sua lenga-lenga. Deus não deu o braço a torcer, apesar de achar que Adão tinha razão. Por seu lado, Eva queixava-se de discriminação, exigindo ter cabelos no peito como Adão. Deus ignorou-a e deu-lhe um televisor onde apenas passavam novelas venezuelanas para a calar.

Uns meses depois da sua criação, Eva, enquanto passeava, descobriu uma árvore com frutos e, gritando por Adão, ofereceu-lhe um figo. Ele, inocentemente, não se atreveu a comer o fruto, explicando que o figo ainda estava verde e que poderia vir a ficar com os lábios inchados. Horas mais tarde, o amor surgiu quando comeram uma maçã, apesar dos eloquentes protestos da lagarta que lá habitava. Caíram num abismo de sensações novas e alucinantes e, quando chegaram ao fundo, Adão partiu três costelas devido ao embate com o chão. Dias depois, viriam a descobrir que o enigmático Pai Natal tinha injectado LSD na maçã. Após uma longa perseguição, encurralaram o Pai Natal e espancaram-no.

Deus, irado, expulsou-os do Paraíso e tirou-lhes os cartões de crédito. Adão, para confortar Eva, que chorava copiosamente, insultou-a e deu-lhe um pontapé no estômago. Surgiu assim o afecto do Homem pela Mulher.

Foram para o Paraíso do lado e, quando se descobriu que ela estava grávida, foi um pandemónio. O pai era um cogumelo venenoso e, segundo as suas palavras, havia sido ela quem o seduzira com uma arma apontada ao pescoço. Adão, para calar as más-línguas, assumiu a paternidade dos gémeos que iriam nascer.

Por cesariana, nasceram Cain e Abel. São eles os verdadeiros pais da raça humana, que descende do matrimónio de um com o outro, que, ao que consta, foi muito feliz. Contudo, volvidos dez anos e cinco filhos, viria o divórcio. Cain, desgostoso, foi internado num sanatório para debilóides e Abel abriu uma boite na parte alta do Paraíso. No entanto, comenta-se que um deles foi morto num atentado à bomba, ignorando-se qual.

Nessa altura, já Eva era uma velhaca insuportável e rabugenta, fazendo com que Adão a detestasse por ela fumar um enorme charuto na sua presença. Discutiam com frequência e foi essa a principal causa da morte de Eva. Certa vez, estava Eva a descascar batatas e, com a fúria de mais uma discussão, começou a descascar os dedos, apenas se apercebendo disso quando já ia no ombro. Tarde de mais! Nem o rápido auxílio que Adão lhe prestou, batendo-lhe com uma cadeira nas costas, a salvou. Desolado por se encontrar subitamente só, Adão atirou-se para a auto-estrada e, no desastre que se seguiu, fracturou a

bacia, que ficou reduzida a uma massa disforme. Morreu enquanto gritava para que lhe substituíssem a bacia por um alguidar azul.

Decorridos uns milénios, nasceu Moisés. Foi este homem o inspirador do espírito que marcou a história da Irmandade. Foi o primeiro Traseiro Homicida da nobre aventura que é a do Homem, apesar de a Irmandade apenas ter surgido muito depois dele. E é a ele que temos de agradecer a existência dos Traseiros... Mas vamos à história.

Segundo a Bíblia, Moisés possuía uma vara e uma túnica, mas a verdade é outra. Ele tinha apenas uns calções e umas matracas. E tinha os cabelos das axilas tão compridos, que a maioria das pessoas acreditava que se tratava dos suspensórios, uma vez que segurava os calções com eles.

Nas tardes frescas da Primavera, Moisés gostava de ir para as colinas, onde formava um círculo com os seus designados “Pupilos”. Pregava acerca da eventual possibilidade de os pénis dos alces empalhados terem alma ante uma assistência estupefacta. Quando atingiu a puberdade, cansado de trabalhos manuais, abriu buracos em todos os seus “Pupilos”, meras abóboras na verdade, e embrenhou-se em actividades menos culturais.

Um belo dia, estando a passear para longe da polícia, que mais uma vez o procurava por se ter mostrado nu perante uma idosa de 86 anos que ia tendo um enfarte com o riso, viu um arbusto a arder e, receando que alastrasse e se tornasse um incêndio, tomou a iniciativa de avisar os bombeiros. Ia começar a correr na direcção da vila onde vivia, quando ouviu uma voz grave, que parecia vir do fundo de um balde.

_PÁRA!

Quem? Eu? Diz Moisés, virando-se assustado.

_Vês mais alguém?

_Não! Mas também não te vejo a ti. Quem és tu? O que queres de mim? Não me deves conhecer e digo-te já que não tenho dinheiro nenhum comigo. ‘Tou mais que teso e...

_Calate! Pensas que Eu não sei quem tu és? Seu malandro. Outra vez a vadiar. És Moisés, o Atrevido!

_‘Tá bem. ‘Tá visto que me conheces. Mas, volto a insistir, quem és tu? E onde ‘tás escondido? E, já agora..., como és? De quem és tu filho? E és recenseado?

_Mas que grande chato que tu és. Eu sou a...a...ATCHOU!

_És um gajo constipado.

_Isso passa. Eu sou aquele que é! Eu sou Deus!

_Ah..., pois. 'Tou a ver.

_É verdade! Juro pela alminha da minha mãe. Sou mesmo Deus!

_Humm... Não me digas.

_Raio, que o gajo é besta! Passa para cá a vara.

_Vara? Qual vara? Só tenho estas matracas!

_Matracas? Mas no filme é uma vara!

_Filme? Qual filme? Acho que não vi.

_Bem, não interessa. Passa para cá as matracas.

_Como? Nem sei onde 'tás escondido.

_Ignorante! Atira-as ao ar.

Moisés assim faz e, pouco depois, cai do céu um bastão de basebol, que o atinge na testa.

_Hehehehe... Já há algum tempo que te queria fazer isto.

À querias? Então aparece! Vá! Vá! Hás-de levar com o bastão nos dentes.

Diz Moisés, gesticulando violentamente enquanto saltita.

_Pronto! Pronto! Acalma-te!

_Acalmo-me? Acalmo-me, não é? Vá, anda cá! Ponho-te a cabeça em órbita! Então? 'Tás com medo?

_Medo? Eu? Ouve lá, ó bexiga natatória, quem pensas tu que és?

_O quê? Ainda por cima, chama-me nomes! Ouve lá, ó meu monte...

_Chega! Chega! Já chega! Agora cala-te e ouve. Esse bastão que Eu te dei...

E de que maneira... Diz Moisés, coçando a testa.

_...Tem poderes mágicos. Tem aí uma lista dos sustos que vais pregar aos egípcios.

_Egípcios?

_Claro! Quem querias tu ir chatear? Talvez a América? Esses não! São tipos da pesada. Não são para mim. Bem, voltando ao assunto, tens também aí um bilhete para a viagem. É da classe económica, mas pelo menos não vais a pé!

_P'ró Egipto?

_Claro!

_OK! Tu mandas!...E atiras!...Palhaço pedófilo...

_Hã? Terei ouvido bem? O que disseste?

_Nada! Nada!

_Ainda bem. O que é isso? Estás todo branco!

_Mas eu sou branco!

_Não é isso, ó omelete de ovos de pata. Estás pálido!

_Lá isso é verdade! Não é todos os dias que falo com um tipo que nem se vê. Afinal, onde é que 'tás escondido?

_Eu posso ser visível! Só que saí agora do banho e estou completamente nu. Vê lá, até estou a falar sem a placa! Creio que é melhor Eu permanecer incógnito.

_Como queiras! Às tantas, até és capaz de ser um tipo fixe.

_Bem..., modéstia à parte, até tens razão. Mas agora desanda e deixa-me ir dormir uma soneca. Volta cá um dia destes, para que te possa dar umas tábuas.

_Tábuas? Mas eu não sei passar a roupa a ferro!

_Não são tábuas dessas!

_Está bem, depois vê-se! Adeus e obrigadinho pelas férias.

Moisés foi então para o Egipto e tratou de provocar misérias das mais pervertidas, que são universalmente conhecidas como as Sete Pragas. De tudo fez, desde despejar tinta no Nilo, afirmando de seguida que se tratava de sangue, até matar todos os primogénitos das famílias nobres, injectando-lhes pepinos na jugular, passando por invasões de cobradores de impostos que devastaram economicamente os infieis. Num golpe publicitário a uma firma de chapéus de chuva, Moisés fez chover água a ferver, que foi facilmente confundida com fogo, e houve quem aproveitasse para cozer as ervilhas, colocando-as ao relento.

Numa triunfal saída do Egipto, em que um manjerico lhe passou uma rasteira, ele abriu uma passagem no Mar Vermelho com uma escavadora, de modo a que os seus seguidores se pudessem retirar dali. Moisés, de dentes arreganhados e cabelos em pé, esperou que os egípcios se encontrassem no interior da passagem e detonou oitenta e cinco toneladas de TNT, soterrando 800 egípcios, 235 cavalos, um camelo e meio, e três couves. Apenas se salvaram aqueles que levavam sabão e toalha. Moisés parecia uma doninha com a cara rapada a rir-se, e chamava os egípcios de “burros”, pelo que alguns começaram a zurrar.

De regresso às origens, contactou com Freud e descobriu que partilhavam o mesmo tipo de sonhos. Moisés sonhava com frequência que fazia respiração boca-a-boca com um feroz tubarão, acordando banhado em suores frios no momento em que o esqualo começava a baixar as calças. Freud, por seu lado, tinha sonhos em que fazia sexo oral com os cães de Pavlov, até que este aparecia e o enfiava numa máquina de fazer enchidos.

Quando partiu para o Monte Sagrado, Moisés passou por um restaurante e, esfomeado, resolveu apelar-se da liteira. Sobre a porta de entrada, uma placa prevenia os clientes: “Comes, bebes e se não pagas, apanhas!”. Sentou-se e, momentos depois, estando ele completamente convencido de que estava a

digerir o mais delicioso esparguete de toda a sua vida, correu para o banheiro quando o criado o advertiu de que tinha acabado de devorar o esfregão da limpeza. Então descobriu que não tinha dinheiro.

Tentou sair disfarçado de autoclismo, mas a mulher que ia a entrar começou a gritar e, com o susto, atirou-se ao ar, ficando espetada no tecto. Foi imediatamente descoberto por um pequeno segurança magricela e ficou com a anatomia deveras amassada.

Meses depois, estava novamente perto de Deus.

_Ei! Acorda. Sou eu, o teu amigalhaço Moisés.

_Já te vi! Aliás, já te venho a observar há muito.

_Ora essa! Mas como?

_Lembraste de Me rogares pragas quando estavas preso naquele engarrafamento a nascente do Sinai?

_Ahhh..., isso! Bem podias ter dado uma ajudinha.

_Ajudinha? Qual ajudinha? Eu também lá estava preso e ainda fui multado por passar o sinal vermelho!

_Tu? Deus, preso num engarrafamento?

_Qual é a tua? Até Eu tenho os meus limites.

_Tu lá sabes! Bem, e então essas tábuas?

_Estão aí à tua direita, nesse caixote.

Moisés vasculha no interior do caixote e dele retira vários embrulhos rotulados.

_Ementas Piazzorini???

_Ementas? Não é isso, ó alarve. Os embrulhos vermelhos.

Volta a remexer no caixote e, agitando um maço de embrulhos, anuncia:

_Playboy, Adultério, Porno, With animals, Sex...

_O QUÊ??? Aqueles gajos dos correios trocaram todas as minhas encomendas. Esse desprezível material deveria estar no pacote azul!

_Desprezível, eh?

Hehehehe... Sabes... Abre todos os embrulhos até encontrares duas pedras espalmadas, parecidas com postigos. Diz Deus, visivelmente atrapalhado.

_Pedras? Mas tinhas dito que eram tábuas!

_Tinha? Um pequeno deslize.

Deslizas muito para o meu gosto. Comenta Moisés, debruçando-se novamente sobre o caixote.

_Óculos de Sol..., ceroulas..., babetes??..., rebuçados para o hálito..., livros de banda desenhada... Mas afinal, que idade tens Tu?

_Oh... Sou velho, muito velho!

_‘Tou a chegar a essa conclusão! Fraldas descartáveis..., compact discs... Ah, aqui ‘tá! “Espalhe a palavra de Deus carregando duas pedras no lombo”. O que quer isto dizer? Ena, são pesadinhas!

_É simples! Tu vais levar essas pedras e dizer ao meu povo que essa é a minha vontade.

_Vontade? Mas tu já mandas?

_Cala-te e lê!

_“1º Mandamento; Deus é um tipo porreiro, mas também consegue ser mau como as cobras. Quem estiver comigo, está bem.

2º Mandamento; Chamem-me para festas, casamentos, baptizados e orgias desenfreadas. Para tudo o resto, NÃO INCOMODAR!

3º Mandamento; Os Domingos e os dias de festa são para a borga. Aceitam-se convites.

4º Mandamento; Não dar nome de Adolf Hitler a qualquer criatura nascida após 1900. Especialmente se for um gajo baixinho com um bigode minúsculo.

5º Mandamento; Não torcer o pescoço de alguém sem um forte motivo, como, por exemplo, não gostar dos seus sapatos.”

Continua. Pede Deus a Moisés, que pega no outro embrulho.

_“O João foi com a Anita ao cinema e meteu a mão na...”

_Não é isso, ó bicha das cavernas. Estás a ler o papel do embrulho.

_Desculpa. “6º Mandamento; Guardar a castidade para ser desperdiçada no túmulo. Aliás, apenas existe castidade depois da morte.

7º Mandamento; Não gamar nos dias 31 que calhem aos Sábados dos anos bissextos e nos dias castanhos.

8º Mandamento; Não levantar falsos testemunhos. Mas vale mentir e fazer batota!

9º Mandamento; Desejar sempre a mulher do próximo, esteja ele por perto ou bem longe.

10º Mandamento; Não cobiçar a coisa alheia, excepto se for por motivos sexuais.

Eu, Deus Felisberto da Silva, declaro ser esta a minha vontade e que a mesma seja cumprida sem demora. Sinai, hoje.”

Não é lindo? Pergunta Deus, vaidoso.

_Não me parece. O texto é demasiado prolixo, além de mostrar que és um nepotista.

_Oh, que raio de coisa estás tu p’raí a dizer?

_Delicadamente, ‘tou a comparar-te a um sapo.

_SAPO, EU??? Tu nem imaginas como é a minha vida! A inflação aqui no Céu está um inferno, os horários continuam apertados, a falta de leite, a greve dos Santos põe-me doido, vocês aí em baixo... Vê só, ainda ontem me apareceu o Primeiro Ministro das Hostes Satânicas, aquele que se diz Ti Mafa, o Senhor de todo o Mal e dos engates de Sábado à noite. Interrompeu o meu jantar e satisfiz os seus apetites sexuais nas minhas galinhas. Nas minhas galinhas!!! Nas galinhas em que apenas eu posso tocar! Não conheço ninguém que suporte isto tudo.

_Bem, de facto és um tanto ou quanto torturado.

_E tu, que não passas de um parracho falacioso, vens dizer-me que eu sou... que eu sou... O que tinhas dito que eu era?

_Nepotista.

_Nepotista, não é? Que raio de palavra! Por acaso não foste tu que foste apanhado a masturbar uma toupeira com uma peúga. Mas que ideia era a tua? Estás a variar?

Moisés, corando muito, corre e refugia-se atrás de uma enorme pedra.

_Isso, cobardolas. Esconde-te.

Completamente apavorado, Moisés receava que Deus tivesse conhecimento do seu maior segredo. Desconhece-se o porquê, mas corria o boato de que ele usava o DIU e que estava empenhado em lançar no mercado uma espuma vaginal para homens.

_Deixa de te comportar como um rato e sai daí. Prometo ser mais moderado com as palavras.

_Hum... Prometes?

Claro que prometo. E sabes que as minhas promessas são sempre verdadeiras. Mentiu Deus com quantos dentes tinha na boca.

Tá bem, eu saio. Saindo detrás da pedra, Moisés cai redondo no chão.

_Isso, ajoelha-te. Já era altura de me prestares homenagem.

_Hã?!? Mas eu apenas tropecei.

_Desgraçado! Espinha bífida! Bacalhau...

_Vamos começar de novo?

_Não. Continuando a conversa de há pouco, vais levar essas duas pedras ao meu povo, que está reunido lá em baixo. Estão todos na borga e quase a fazer uma Missa Negra.

_Missa Negra? Isso não é aquela paródia que mete sexo pelo meio?

Montes dele. Diz Deus com um ar saudosista.

Tou a ver. E, decerto queres que eu participe? Interroga Moisés, esfregando as mãos de contente.

_Não querias tu mais nada! Isto é assim, quando lá chegares, arma zaragata e atira com as pedras ao bezerro de ouro que eles fizeram. Acaba com ele!

Bezerro de ouro? Pergunta ele, com um brilho de cobiça nos olhos. _Não é melhor eu ficar com ele?

_Aquilo é um falso Deus! Não é para o andares a passear por aí! É para ser destruído!

_‘Tá bem! ‘Tá bem! Já entendi! Nada de sexo e nada de ouro. Mas que raio de Deus és tu?

Não me provoques! Vocifera Deus.

_Calma! Calma! O que eu tenho de fazer é destruir a concorrência para tudo ficar bem.

_Basicamente é isso. Bem, seja como for, apenas se salvarão aqueles que tiverem uma grande fé. Seja em mim ou na honestidade do sistema bancário suíço.

Vamos lá a ver no que isto dá. Diz Moisés, afastando-se cabisbaixo e resmungão. _Lá vou eu arranjar mais um olho roxo. As coisas em que eu me meto! Primeiro foram os sacanas dos egípcios, agora aqueles lá em baixo. Só me faltava mais esta! Quero ver quanto é que Ele me paga ao fim do mês.

E assim termina a história de Moisés, segundo o Livro das Atrocidades.
Dizia Keniabir à sua assistência.

_Mas não é tudo! Nos arquivos do nosso bem-amado Convento está um manuscrito que foi redigido pelo punho do próprio Moisés, em que ele nos conta o que aconteceu após ter recebido as Pedras dos Mandamentos. Ele fala, não apenas da sua missão, mas também do seu grande amor.

Pegando num papiro encarquilhado e amarelado, Keniabir inicia a sua leitura.

“Agora, volvidas três semanas sobre o meu encontro com os infiéis, recordo com pesar tudo o que aconteceu desde então.

O confronto com aqueles hereges foi rápido e fulminante. Cheguei lá, desatei à pancada e dei um murro no líder deles. Mais tarde, arrependido de tão ignóbil acto, voltei atrás e dei-lhe mais dois.

Ainda me lembro daquele mar de gente que ocupava todo o vale. Alguns aclamavam-me! Eram mais de dez pessoas! Alguns, mais travessos, irritaram-me, ao que lancei as duas pedras ao bezerro de ouro, fazendo-lhe dois galos na cabeça. A terra abriu-se e os infiéis desapareceram. Muitos safaram-se porque

acreditavam em Deus, mas a grande maioria salvou-se porque tinha fé nos bancos suíços e, incrível, no Pai Natal.

Quando relatei o encontro a Deus, devo ter-me empolgado demasiado, pois Ele demonstrou estar extremamente satisfeito com a minha actuação, tanto, que tentou embalsamar-me, para a posteridade, disse Ele. Não aceitei submeter-me e fugi. Pelo caminho encontrei o ex-líder dos infiéis, que me arrancou todos os dentes à cabeça. Continuei e foi então que, dias depois, encontrei o amor da minha vida.

Alberta era o seu nome e ambos trabalhávamos no escritório da Flatos & Lda. naquele dia de calor. De repente, aconteceu! Estando os dois entalados na gaveta da secretária, ela pediu-me o agrafador. Ia dar-lho de modo delicado, quando escorreguei e ficámos agrafados um ao outro. Pude sentir os modestos 150°C da sua pele e os seus seios rijos e bicudos que me fizeram dois buracos na barriga. Trocámos um olhar cheio de significado e acabei por beijar aquela deusa de pernas tortas. Foi uma tarefa difícil, porque ela tinha a língua agrafada à minha gravata.

Subitamente, ela soltou um grito medonho e eu caí em mim. Foi uma queda dura!

Parti dois dentes e desatei a proferir injurias a mim mesmo. Fugi e comecei a correr atrás de mim, mas tropeço e deixo-me fugir. Chego à esquina e volto-me para gozar comigo.

Não me apanho! Adoro-me! Sou pior que eu!

Foi estranho! Desde então, na minha corrida matinal, sou sempre derrotado pela minha sombra, que, misteriosamente, me ultrapassa nos últimos metros.

Depois de interrogar a Alberta acerca do porquê do seu grito aquando do beijo, fiquei a saber que a estava a pisar em ambos os pés. Afinal, ela sempre me amava! Convidei-a para jantar lá em casa.

Chegou três luas depois da hora combinada e estava divina! Trajando mini-saia e uma blusa transparente, capaz de provocar uma erecção num fóssil, ela entrou saltitando alegremente. Os cinco buracos no tecto do corredor de entrada provam o que acabo de referir. No pé esquerdo, uma bota do exército, número 43, suponho, e no direito, um ténis rosa que albergava aquele delicado pé, em que as unhas rasgavam o tecido e se estendiam para fora uns bons 25 centímetros. Cheirava mal, e arrotou quando a cumprimentei. Reparei também que não tinha desfeito a barba, que agora revestia aquela cara delgada, que eu poderia com facilidade tomar por um cabide para chapéus.

Comecei a preparar o jantar, e há mais de duas horas que estava fechado na cozinha, quando a Alberta, quebrando a promessa de não atrapalhar, resolveu verificar se poderia ajudar em algo. Entrou na cozinha a reclamar em termos acres, mas calou-se quando lhe atirei um tacho. Para meu espanto, agarrou o repolho atrás do qual eu corria há dez minutos. Colocou-o dentro da panela e repreendeu-me por não ter amanhado as hortaliças, e dizendo que não comeria os olhos e espinhas da nabiça, que tentava cozer-se a si própria, sem no entanto o conseguir, pois o lume estava apagado. Perante tamanhas evidências, tive de retirar da panela o resto das hortaliças, que foram de imediato para a sala ver televisão. A nabiça jurou vingança e, dias depois, recebi um bilhete em que era avisado de que estava a ser processado por tortura vegetal.

Como o jantar falhou, procurei alternativas.

Resolvemos ir a um restaurante, o que se concretizou 30 minutos depois.

No meu prato, uma dúzia de moscas fazia uma regata, enquanto se esquivavam da feroz perseguição que eu lhes fazia com um mata-moscas. Salpicava sopa por todo o lado e a primeira classificada afogou-se nas sopas revoltas. Impiedoso, quebrei a cabeça a outra com um cacete. As restantes escaparam-se e foram aterrar no prato da Alberta, que, ainda mais furiosa que eu, as comeu junto com a sopa.

Comecei então a imaginar-me, decrépito e ranzinza, com cinco muletas, uma em cada membro, até ela me despertar com uma pequena chapada que me colocou as duas orelhas do mesmo lado da cabeça.

Regressamos a casa e fizemos amor. Ela já estava a perder a virgindade pela terceira vez naquela semana, quando, sem razão aparente, surgiu à nossa frente um velho leproso de aspecto repelente, que nos perguntou “onde é que andam aqueles gajos”, e que “já não lhe punha a vista em cima há muito”. Espantados, adormecemos no bidé.

Por volta das três da manhã, acordei e virei-me para a Alberta, dizendo-lhe:

_Eh! Agora devolve-me o meu traseiro.

_Não! Deste-mo. É meu!

_Vá lá... Aquilo era só para te convencer.

_Não dou!

_Então? O cú é meu! Dá-o cá!

_Não dou!

_Oh! Oh! A mulher ‘tá parva!

_Não dou!

Discussões como esta tornaram-se frequentes, mas isso não impediu que fossemos bastante felizes, apesar das urgências sexuais da Alberta me levarem a emagrecer demasiado, pelo que, no momento em que escrevo isto, peso apenas 10 gramas.

Todavia, e apesar da minha esterilidade, ela já engravidou 7 vezes, mas creio que nunca me traiu. Excepto, talvez com o carteiro, o velhote da mercearia, o rendeiro, o vendedor de cautelas, a moça que vende enciclopédias, o cão do vizinho do andar de cima, algumas cenouras e vegetais variados, e um anão com ares de senhor, que dizia chamar-se Deus. Estes foram os que apanhei em situações suspeitas. Tipo, sem roupa e a enfiar coisas em buracos.

Desta lista retiro a minha colecção de estatuetas apaches, mesmo sendo frequente elas aparecerem entre os lençóis da nossa cama.

Curiosamente, e num assunto não relacionado, os postes da electricidade daqui das redondezas têm desaparecido misteriosamente sem que alguém lhes adivinhe o rumo. Notei, todavia, que a Alberta tem andado muito direita desde que isto começou.

Não sei o que pensar. Mas sei que ela me é fiel! É ela quem mo diz, entre um homem e outro, e eu sei que é verdade. Talvez o facto de ela me pedir para usar uma venda com bastante regularidade contribua para as minhas certezas.”

III

E é este o final da história de Moisés, a história de um verdadeiro Traseiro Homicida. Dizia Keniibir para os poucos ouvintes que não tinham cometido suicídio.

E agora, para terminar, vou contar-vos a história da raça mais pecadora e asquerosa à face da terra. Vou contar a história dos pranchistas. No entanto, convém não esquecer, os pranchistas, apesar de odiados, como é natural, são os que melhor ilustram o espírito que é a alma da nossa Irmandade. Os ouvintes bocejam de aborrecimento e alguns emitem grunhidos incoerentes ao aperceberem-se de que Keniibir ainda não se calou.

A origem dos pranchistas remonta ao tempo das cavernas, como atesta a farta cabeleira oxigenada e o palavreado inteligível, motivo pelo qual conversar com eles é o mesmo que tentar excitar uma saca de batatas.

Os documentos relativos aos verdadeiros pranchistas, os que sabiam pranchar, perderam-se juntamente com a Arca da Aliança, e acredita-se que o primeiro pranchista teria sido Noé. A semelhança das Tábuas dos Mandamentos com uma prancha leva a que a maioria dos pranchistas sejam fãs de Moisés. São portanto bastante religiosos, ajoelhando-se e orando ferverosamente quando

ouvem músicas de bandas cujos nomes sejam parecidos com banana ou vaselina.

Quando juntos, formam uma vara, o que já levou a diversos protestos da parte do Sindicato dos Porcos, que os acusam de plágio. Esta sub-classe da raça humana não se mistura muito com as pessoas normais, preferindo emitir ondas de radar para saber onde se encontra a praia, apesar de estarem quase sempre em cima dela.

Todos, sem excepção, manifestam uma alegria demente quando as ondas apenas têm alguns centímetros de altura, e partem para a competição, o que por vezes é difícil, pois alguns não sabem nadar. Por outro lado, são assaltados por pesadelos nocturnos acerca de mares revoltos, onde é comum aparecer um velho leproso de aspecto repelente, o seu anjo da guarda, que os salva das enormes ondas de um metro de altura. Quando são assaltados por tais pesadelos, é vulgar ficarem sem a carteira, e estes terrores nocturnos ainda lhes roubam a larva de inteligência, que apesar de permanecer num estado cristalizado, ainda lá está.

Recentemente, os geneticistas assinalaram uma mutação prodigiosa numa ínfima parcela do clã pranchista. Vários milhares de vezes mais inteligente que os seus camaradas de prancha, é basicamente um ser humano normal. Alguns dos afectados por esta mutação, manifestam inclusive, vontade de ter um emprego decente. Desconhece-se o que causa esta mutação, que leva ao desespero e auto-destruição. Suspeita-se que a má vontade dos progenitores em continuar a sustentar adultos que acham que a responsabilidade é uma coisa ultrapassada, leva a um aumento de stress que fragiliza o anterior estado de criogenia cerebral. A susceptibilidade a esta mutação pode ter origem, segundo alguns, ainda no ventre materno, causada por algum género de zanga entre o feto e a placenta. Poderá haver algum gene defeituoso envolvido, mas são necessários mais estudos.

Subentende-se que desde aí que são incapazes de assimilar qualquer conhecimento, exceptuando a misteriosa capacidade que lhes permite distinguir uma rolha de uma solha, apesar de confessarem que a rolha deve ser uma espécie de peixe similar à solha.

Outro mistério insondável, inclusive para eles mesmos, é a fórmula que leva certas garotas impúberes a aproximarem-se destes seres desprovidos de hormonas. Todavia, conjectura-se se não será o cheiro.

A sua primeira erecção dá-se bastante tarde, aí por volta dos 40, normalmente entre as 5:35 e as 5:37 da manhã, facto que alguns disfarçam com implantes de silicone. Assim sendo, a capacidade de reprodução pelos métodos

convencionais e a consumação do acto, segundo vítimas infelizes, é nula. O mais próximo que conseguem de um orgasmo é durante as suas reuniões de carácter homossexual. Não será portanto de estranhar que a reprodução entre pranchistas seja ovípara.

Além destes pequenos problemas, são sazonalmente atacados pelo acne, que ocultam mascarando-se de arbustos ou Gummy Bears, daí serem todos parecidos.

Sabe-se que 90% dos pranchistas desconhecem que o mar é salgado, e os restantes sabem que o mar tem água, mas ignoram onde. Os seus métodos de navegação são bastante arcaicos, optando por navegar sempre junto à costa, de preferência por terra.

Usam, para anunciar as suas intenções, que, diga-se de passagem, são quase sempre más, uma pose de pavão raquítico e o já referido palavreado inteligível. Talvez seja por isso que são frequentemente confundidos com pedregulhos ou gaivotas doentes. Acabam, invariavelmente, por enfiar alguns seixos rolados no ânus, de modo a que alguém lhes dê atenção.

Falando em ânus, convém recordar que os pranchistas já foram perseguidos pela Santa Inquisição, que usavam o traseiro dos pranchistas para fazer sinos, uma vez que, os traseiros, depois de curtidos e secos ao Sol, ao ser-lhes colocado um badalo, davam excelentes sinos, muitos dos quais ainda estão em centenas de igrejas.

São bastante contraditórias as informações disponíveis sobre os pranchistas e as suas namoradas, as pranchetas, que também são pranchistas de nascença. No que concerne às técnicas de engate a raparigas fora do clã, denota-se uma imensa falta de jeito e oportunidade da parte dos pranchistas para conseguir seduzir uma mulher com mais de dois neurónios. Ora vejamos.

Inspirando-se na natureza, os pranchistas vão buscar as suas técnicas de cortejo ao comportamento lascivo dos cactos americanos e aos rituais de acasalamento das morcelas lá do talho. A sua característica técnica dos “olhos fixos e arregalados” apenas resulta durante míseros segundos, após o que surge a suspeita de um ligeiro estrabismo, por parte da vítima. Algumas vezes, acabam por ser confundidos com Testemunhas de Jeová, mas mais chatas e a falar o que parece ser uma das línguas mortas.

Apesar da controvérsia sobre a fidelidade e exactidão dos dados disponíveis sobre os pranchistas, vários estudos antropológicos foram feitos sobre estas criaturas. O mais conceituado desses estudos é o do Dalai Lama, intitulado “Surf no Nepal”, em que ele nos revela que a droga e outras substâncias fumáveis, dentre as quais se destacam as filhoses, a batata-doce e excrementos de origem

animal, são bastante usados pelos pranchistas, ignora-se para quê. Dalai Lama revela também um curioso caso, em que um bebé perdeu o seu pénis numa praia, e o pranchista que o encontrou negou-se a devolver o órgão, alegando ter encontrado o amor da sua vida.

Outro caso estranho, este retirado da obra de Vlad Drakul, “A génese do cérebro reptiliano e o pranchista empalado”, fala de um pranchista que há seis anos afirmava estar grávido de cinco meses.

Não menos bizarro é o caso relatado por Espet Haki, o célebre monge tirolês, em “O pranchista, o homem invertebrado em análise”, em que um pranchista dizia ser Deus em pessoa. O facto de ele lançar raios e conseguir fazer aparecer do nada um velho leproso de aspecto repelente, não convenceram Espet Haki.

_ Bem, e termina aqui a história dos pranchistas.

A audiência acorda sobressaltada e inicia um coro de protestos.

_ Não! Piedade!

_ Buuuu!... Rua! Vigarista!

_ Devolve-me o meu dinheiro, ladrão!

_ ‘Péra aí, que já vais ver!_ Diz um, baixando as calças e avançando para Keniabir. Outros o seguem, baixando igualmente as calças.

_ Calma! Calma! Respeitem-me! Ordem! Ordem! Ó da guarda!

O que atrás está foi o que passei para papel com a máquina de escrever. Tenho também, em manuscrito, um excerto que incluiria mais tarde na história. Pelo que, aqui fica ele.

O personagem em questão é Noé. A cena não tem contexto e trata-se de um diálogo deveras bizarro entre ele e um interveniente que nem nome tem... Mas parecem ambos ser duros de ouvido.

_ Qual é o teu nome?

_ Noé.

_ O quê?

_ Noé.

_ Hã???

_ Noé.

_ Não é? Não é o quê?

_ Da Silva.

_ Da Silva? Mas da Silva o quê?

_ Noé.

_ Mas é ou não é?
_ É.
_ É o quê?
_ Noé.
_ Mas se não é, o que é afinal?
_ Noé.
_ Não é?
_ É.
_ É?
_ Noé.
_ Mas porque é que não é possível?
_ Noé Percival é o meu primo.
_ Mas o que é que o teu primo tem a ver com isto?
_ Nada.
_ Nada? 'Tás a gozar-me?
_ Não.
_ Bem. Mas, voltando atrás, porque é que não é?
_ Foram os meus pais que me deram esse nome.
_ Mas qual nome? Só dizes que não é! Mas não é o quê?
_ Da Silva.
_ Não é da Silva?
_ Noé da Silva._ Diz ele, concordando.
_ Mas então do que é?
_ Da Silva.
_ Da Silva o quê?
_ Noé.
_ Desisto! Vou-me embora! Se não queres dizer-me o teu nome, tudo bem!
_ Mas eu já te disse!
_ Disseste?
_ Já! Noé da Silva Noé!
_ Não é da Silva não é?
_ É!
_ Que raio de nome é esse?
_ O meu!
_ O teu quê?
_ O meu nome! Noé da Silva Noé!
_ Não é da Silva não é! Então não és nada!
_ Sou!

_ O quê?

_ Noé da Silva Noé.

_ Não é da Silva não é! Deves é ser burro! 'Tás a dizer-me que não és da Silva! Não, não és da Silva! Mas então?...

_ Sou!

_ És uma ova!

_ Como é que sabes?

_ Foste tu quem o disse!!!

_ O quê?

_ Que não és da Silva!

_ Da Silva Noé.

_ Desisto! Adeus! Vou enforcar-me!